



(Folha de S.Paulo, 30.09.2014. Adaptado.)

Considerando-se a situação de comunicação entre Garfield e seu dono, a frase, em linguagem coloquial, que preenche o balão do último quadrinho é:

- a) Tenho de saboreá-la bem?
- b) Devo saborear a ele muito bem?
- c) Convém que eu o saboreie bem?
- d) Saboreá-lo-ei muito bem?
- e) Eu tenho de saborear bem ele?

Resolução

Em linguagem coloquial, como orienta o enunciado da questão, emprega-se o pronome pessoal *ele* com função objetiva.

Resposta: E

Leia o texto para responder às questões de números **02** a **04**.

A palavra falada é um fenômeno natural: a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidez e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal. Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas-maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

(Fernando Pessoa, *A língua portuguesa*. 1999. Adaptado.)

2

Em sua argumentação, o autor estabelece que

- a) a palavra escrita se espelha na palavra falada. Desta forma, a boa comunicação implica reconhecer que fala e escrita são de mesma natureza.
- b) as diferenças entre fala e escrita são muitas. Dessa forma, a boa comunicação está relacionada ao valor cultural da linguagem.
- c) o fenômeno cultural está contido no natural. Dessa forma, a boa comunicação diz respeito ao uso que cada pessoa faz, de acordo com as necessidades cotidianas.
- d) os fenômenos naturais precedem o culturais. Dessa forma, a boa comunicação depende de ajustar aqueles às especificidades destes.
- e) fala e escrita são domínios distintos. Dessa forma, a boa comunicação implica conhecer e emprega os recursos específicos de cada um deles.

Resolução

A resposta encontra-se no 2.º parágrafo, em que o autor condiciona a “boa comunicação” à adaptação do falante ao contexto.

Resposta: E

A palavra falada é um fenômeno natural: a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidez e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal. Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas-maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

(Fernando Pessoa, *A língua portuguesa*. 1999. Adaptado.)

3

De acordo com o autor, “ao falar, temos que obedecer à lei do maior número”. Atendendo a esse princípio, para o português oral contemporâneo, está adequado o enunciado:

- a) Olvidei-me de trazer seu livro. Assistia a um filme deveras interessante. Você não se sente chateado por isso, não é mesmo?
- b) Caso assistisse a um filme e esquecesse teu livro... Sentir-te-ias magoado com esse meu comportamento?
- c) Cara, @\$%*...! Demorô!!! O fdm nem tchum... E pá... ☺ E o livro... Nem... ☹ Que m***a!!!
- d) Me esqueci de trazer seu livro, porque fiquei assistindo um filme. Cê não tá chateado por causa disso, né?
- e) Nós ia lê o livro na aula, mais fiquei veno TV, sistino um firme e isquici dele. Ocê tá chateado cumigu não né?

Resolução

No português oral contemporâneo, o falante inicia a frase com pronome oblíquo átono (“me”), não respeita a regência do verbo *assistir* (assistir a), abrevia o pronome de tratamento *você* (“cê”) e a forma verbal está (“tá”), além de empregar o marcador conversacional “né”.

Resposta: **D**

A palavra falada é um fenômeno natural: a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidez e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal. Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas-maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

(Fernando Pessoa, *A língua portuguesa*. 1999. Adaptado.)

4

Assinale a alternativa cujo enunciado atende à norma-padrão da língua portuguesa.

- a) Durante a leitura do livro, surgiram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.
- b) Durante a leitura do livro, ficou várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- c) Durante a leitura do livro, houve várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- d) Durante a leitura do livro, ficaram várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- e) Durante a leitura do livro, houveram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.

Resolução

A forma verbal *surgiram* concorda com o sujeito “várias dúvidas”; *causou* concorda com o sujeito *que*, o qual retoma “temática abordada”; *mostraram* concorda com o sujeito composto “o enredo e a temática”; *vislumbrou-se* está na voz passiva sintética e concorda com o sujeito paciente “visões interessantes”.

Resposta: **A**

5

Leia o poema de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa.

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas –
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

(*As múltiplas faces de Fernando Pessoa*, 1995.)

O tema tratado no poema é a

- a) necessidade de se buscar a verdadeira razão para uma vida plena.
- b) fugacidade do tempo, remetendo à ideia de brevidade da vida.
- c) busca pela simplicidade da vida, representada pela natureza.
- d) brevidade com que o verdadeiro amor perpassa a vida das pessoas.
- e) rapidez com que as relações verdadeiras começam e terminam.

Resolução

O tema do poema é a efemeridade do tempo e da própria vida, como evidenciam os versos “Rosas que se apagam/Em frente a apagar-se/Tão cedo!”. A fugacidade do tempo é tema recorrente na poética de Ricardo Reis, herdeiro da tópica clássica do “*carpe diem*” (aproveita o tempo).

Resposta: **B**

É preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo. A descrição minuciosa da terra, do homem e da luta situa-o no nível da cultura científica e histórica. Seu autor fez geografia humana e sociologia como um espírito atilado poderia fazê-las no começo do século, em nosso meio intelectual, então avesso à observação demorada e à pesquisa pura. Situando a obra na evolução do pensamento brasileiro, diz lucidamente o crítico Antonio Candido: “Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, esta obra assinala um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior).”

(Alfredo Bosi. *História Concisa da Literatura Brasileira*, 1994. Adaptado.)

O excerto trata da obra

- a) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
- b) *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo.
- c) *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.
- d) *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.
- e) *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Resolução

As informações constantes no excerto de *História Concisa da Literatura Brasileira* fazem referência ao “livro singular”, *Os Sertões* (1902), que aborda a Guerra de Canudos (1897), analisando, a partir desse fato, a realidade geográfica, política e cultural do Brasil. *Os Sertões* oscilam “entre a literatura e a sociologia”, apresentam divisão tripartite, rigidamente determinista: A Terra, o Homem, a Luta.

Resposta: E

Leia o poema para responder às questões de números 07 a 09.

Mau Despertar

Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum

Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho
riscado
de hematomas

Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorre
uns restos de treva.

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013.)

7

A leitura do poema permite inferir que

- a) o despertar do eu lírico apaga as más lembranças da madrugada.
- b) a noite é problema para o eu lírico, perturbado mais física que mentalmente.
- c) o eu lírico atribui o seu mau despertar a uma noite de difícil sono.
- d) o eu lírico encontra na noite difícil uma forma de enfrentar seus medos.
- e) o mau despertar acentua as feridas e as dores que perturbam o eu lírico.

Resolução

O “mau despertar” decorre de uma noite de sono difícil, comparado a “uma batalha/travada em/lugar algum”. Mesmo recém-desperto, o eu lírico ainda não se vê totalmente livre dos “restos de treva” que, sinestesticamente, fluem dos olhos.

Resposta: C

Mau Despertar

Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum

Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho
riscado
de hematomas

Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorre
uns restos de treva.

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013.)

8

Analisando-se as três estrofes do poema, atribui-se a cada uma os seguintes sentidos, respectivamente,

- a) a lembrança do sono – as consequências do mau sono – a libertação da noite mal dormida.
- b) a consciência do despertar – as hipóteses acerca do sono – a tentativa de se restaurar.
- c) a expectativa com o despertar – a certeza da noite mal dormida – a certeza de um dia ruim.
- d) a causa do sono conturbado – a possibilidade de recuperação – a ansiedade pela melhora.
- e) a renovação ao despertar – a possibilidade de enfrentar o mau sono – a busca por um dia melhor.

Resolução

Na primeira estrofe, os versos destacam a certeza de um mau despertar, realçando o título do poema; na segunda estrofe, o eu lírico elenca as possibilidades do sono perturbador e, na terceira estrofe, há uma tentativa de restauração do mal-estar ao se lavar os olhos de onde ainda saem “uns restos de treva”.

Resposta: **B**

Mau Despertar

Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum

Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho
riscado
de hematomas

Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorre
uns restos de treva.

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013.)

9

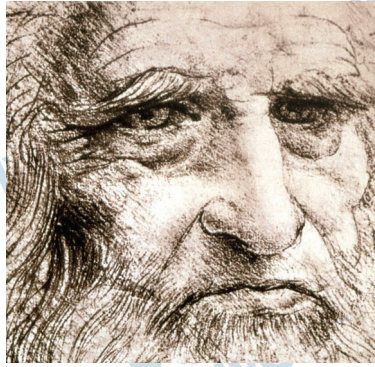
Assinale a alternativa em que a reescrita dos versos altera o sentido original do texto.

- a) “Não sei na madrugada / se estou ferido” → não sei se ferido estou na madrugada
- b) “se o corpo / tenha / riscado / de hematomas” → se de hematomas tenho o corpo riscado
- c) “ainda escorrem / uns restos de treva” → uns restos de treva escorrem ainda
- d) “travada em / lugar algum” → travada em algum lugar
- e) “Saio do sono como / de uma batalha” → do sono saio como de uma batalha

Resolução

Na expressão *lugar algum*, o pronome indefinido posposto ao substantivo indetermina o espaço; em *algum lugar*, o pronome vem anteposto ao substantivo e tem sentido de lugar determinado.

Resposta: **D**



Ciência explica _____.

Testes mostram que _____ de Leonardo da Vinci está sumindo

(www.uol.com.br, 05.06.2014. Adaptado.)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa e com o Novo Acordo Ortográfico, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- a) por que – auto-retrato.
- b) porque – auto-retrato.
- c) porquê – autorretrato.
- d) por que – auto retrato.
- e) por quê – autorretrato.

Resolução

Por que significa “por qual motivo ou razão”. O monossílabo *que* recebe acento pois se torna tônico em final de oração. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o hífen não é empregado depois dos prefixos terminados em vogal seguidos de palavras iniciadas por *r* ou *s*. Nesse caso, dobram-se o *r* e o *s*.

Resposta: **E**

Leia o texto para responder às questões de números 11 a 15.

Você conseguiria ficar 99 dias sem o Facebook?

Uma organização não-governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio *Facebook*. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário. Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no *Facebook* e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33º dia, no 66º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do *Facebook* gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

11

De acordo com os pressupostos da campanha holandesa, o usuário do Facebook

- a) supera as suas barreiras emocionais na rede social e garante uma existência com mais felicidade.
- b) vivencia experiências únicas na rede social e a tem como forma de ser mais equilibrado emocionalmente.
- c) gasta tempo na rede social e deixa de se dedicar a momentos mais significativos em sua vida.
- d) emprega o seu tempo na rede social para trabalhar a emoção e entender melhor suas questões de vida.
- e) dedica um tempo exíguo à rede social e tem pouca motivação para atividades mais realizadoras.

Resolução

A confirmação da resposta encontra-se no último parágrafo do texto.

Resposta: **C**

Você conseguiria ficar 99 dias sem o Facebook?

Uma organização não-governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio *Facebook*. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário. Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no *Facebook* e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33º dia, no 66º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do *Facebook* gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

12

Uma informação possível de se concluir da leitura do texto é:

- a) O *Facebook* realizou experimentos psicológicos sem o consentimento de seus usuários.
- b) Os usuários do *Facebook* sentem-se mais felizes quando não acessam a rede social.
- c) Os estudos da ONG holandesa têm o propósito de criar uma nova rede social.
- d) O tempo gasto na rede social potencializou perturbações psicológicas em seus usuários.
- e) O grau de satisfação e felicidade de uma pessoa depende de seu estado emocional.

Resolução

A ONG holandesa utilizou voluntários em seus experimentos e, segundo o texto, essa era a diferença entre suas pesquisas e as do *Facebook* (2.º parágrafo).

Resposta: **A**

Você conseguiria ficar 99 dias sem o Facebook?

Uma organização não-governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio *Facebook*. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário. Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no *Facebook* e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33º dia, no 66º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do *Facebook* gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

13

Examine as passagens do primeiro parágrafo do texto:

- “**Uma** organização não governamental holandesa está propondo um desafio”
- “O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.”

A utilização dos artigos destacados justifica-se em razão

- a) da retomada de informações que podem ser facilmente depreendidas pelo contexto, sendo ambas equivalentes semanticamente.
- b) de informações conhecidas, nas duas ocorrências, sendo possível a troca dos artigos nos enunciados, pois isso não alteraria o sentido do texto.
- c) da generalização, no primeiro caso, com a introdução de informação conhecida, e da especificação, no segundo, com informação nova.
- d) da introdução de uma informação nova, no primeiro caso, e da retomada de uma informação já conhecida, no segundo
- e) de informações novas, nas duas ocorrências, motivo pelo qual são introduzidas de forma mais generalizada.

Resolução

O emprego do artigo indefinido *uma* apresenta a ONG ao leitor e se trata de uma informação nova. O artigo definido *a* refere-se a *Facebook*, mencionado no período anterior.

Resposta: **D**

Considere os enunciados a seguir para responder as questões de números **14** e **15**.

Você conseguiria ficar 99 dias sem o Facebook?

Uma organização não-governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio *Facebook*. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário. Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no *Facebook* e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33º dia, no 66º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do *Facebook* gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

- [...] ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. (1º parágrafo)
- [...] que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”. (4º parágrafo)

14

Nos dois trechos, utilizam-se as aspas, respectivamente, para

- a) indicar o sentido metafórico e marcar a fala coloquial.
- b) enfatizar o discurso direto e marcar uma citação.
- c) marcar o sentido pejorativo e enfatizar o sentido metafórico.
- d) assinalar a ironia e indicar a fala de uma pessoa.
- e) realçar o sentido do substantivo e indicar uma transcrição.

Resolução

Em *olhadinha*, o sufixo **realça o substantivo de uso comum entre os internautas que acessam o *Facebook***. A expressão “atividades emocionalmente mais realizadoras” é transcrição de trecho que consta dos estudos realizados pela ONG.

Resposta: E

Você conseguiria ficar 99 dias sem o Facebook?

Uma organização não-governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio *Facebook*. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário. Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no *Facebook* e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33º dia, no 66º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do *Facebook* gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”.

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

- [...] ficar 99 dias sem dar nem uma “olhadinha” no *Facebook*. (1º parágrafo)
- [...] que poderiam ser utilizadas em “atividades emocionalmente mais realizadoras”. (4º parágrafo)

15

Analisando-se o emprego e a estrutura das palavras “olhadinha” e “emocionalmente”, é correto afirmar que os sufixos nelas presentes indicam, respectivamente, sentido de

- a) morosidade e intensidade.
- b) modo e consequência.
- c) rapidez e modo.
- d) intensidade e causa.
- e) afeto e tempo.

Resolução

O sufixo *-inho*, em *olhadinha*, expressa a brevidade da ação do internauta. *Emocionalmente* é advérbio que expressa circunstância de modo.

Resposta: C

Analise a capa de um folder de uma campanha de trânsito.



Explicitando-se os complementos dos verbos em “Eu cuido, eu respeito.”, obtém-se, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa:

- a) Eu a cuido, eu respeito-lhe.
- b) Eu cuido dela, eu lhe respeito.
- c) Eu cuido dela, eu a respeito.
- d) Eu lhe cuido e respeito.
- e) Eu cuido e respeito-a.

Resolução

Os verbos *cuidar* e *respeitar* têm regências diferentes; o primeiro é transitivo indireto e rege a preposição *a*; o segundo é transitivo direto, funcionando o pronome *a* como seu objeto direto.

Resposta: **C**

Leia o texto para responder às questões de números 17 a 21.

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: "Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?", a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente." E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um "crime passional", *Cherchez la femme*. Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoararam-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aquelesque viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio .

• *Cherchez la femme*: Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. *A confissão de Lúcio*. 2011.)

No texto, o narrador sugere que tinha sido condenado por um crime

- a) praticado pelo poeta, de quem tomou a responsabilidade para que este pudesse fugir com a mulher amada, isento de culpa.
- b) motivado por questões amorosas, sobre o qual não emitiu um posicionamento claro que negasse ou confirmasse a sua culpa.
- c) ocorrido acidentalmente, fruto da percepção equivocada de que o poeta estaria em um romance proibido com a sua mulher.
- d) praticado pela esposa do artista, a quem acreditava que deveria recair a pena, mas não dispunha de provas suficientes para poder incriminá-la.
- e) marcado pelo mistério, que teve como vítimas o poeta e a mulher, e que contou com uma defesa confusa e permeada de inconsistências.

Resolução

O assassinato foi um “crime passional”, conforme os jornais, e o condenado, Lúcio, “nem negava nem confessava” a participação na morte de Ricardo, marido de Marta.

Resposta: **B**

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: "Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?", a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente." E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um "crime passional", *Cherchez la femme*, Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoararn-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aquelesque viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio .

• *Cherchez la femme*: Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. *A confissão de Lúcio*. 2011.)

No primeiro parágrafo, afirma-se: “eu venho fazer enfim a minha confissão”. Tal confissão se materializa textualmente em

- a) uma argumentação confusa, com oscilação dos tempos verbais entre presente, passado e futuro, relacionados a situações da vida do narrador.
- b) uma narrativa objetiva, com predomínio de verbos nos tempos passado e presente, relacionados a situações conhecidas do narrador.
- c) uma narrativa subjetiva, com predomínio de verbos no tempo passado, relacionados a situações das quais participara o narrador.
- d) uma argumentação racional, com predomínio de verbos no tempo presente, relacionados a situações analisadas pelo narrador.
- e) uma descrição pessoal, com predomínio de verbos no tempo presente, relacionados a situações que marcaram a existência do narrador.

Resolução

O narrador-personagem relata na primeira pessoa o fato de não se defender do crime que lhe imputaram. Ele participou das situações ligadas ao crime, presenciou Ricardo de Loureiro atirar em Marta e o próprio assassino transformar-se no corpo da vítima. Nesse parágrafo, predominam verbos no “tempo passado”.

Resposta: **C**

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: "Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?", a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente." E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um "crime passional", *Cherchez la femme*, Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes.

E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoararn-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aquelesque viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio .

• *Cherchez la femme*: Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. *A confissão de Lúcio*. 2011.)

- Segundo o narrador afirma, a prisão lhe serviria para
- a) amenizar os transtornos pessoais que arruinaram a sua existência.
 - b) mostrar a todos que estava sendo injustiçado e que deveriam rever o caso.
 - c) coroar a sua existência de erros e desacertos, impossível de ser recomposta.
 - d) reverter a seu favor a simpatia do júri e ter um novo julgamento em breve.
 - e) colocá-lo em equilíbrio com a justiça dos homens e a justiça divina.

Resolução

O narrador afirma que “atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer... nada já nos fará oscilar”, assim a prisão fez dos transtornos que afetaram sua vida anterior algo mais brando, uma vez que o maior sofrimento foi o cárcere.

Resposta: **A**

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: "Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?", a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente." E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um "crime passional", *Cherchez la femme*, Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes.

E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoararn-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aquelesque viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio .

• *Cherchez la femme*: Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. *A confissão de Lúcio*. 2011.)

Observe as passagens do texto:

- “**Decerto** que não me acreditam.” (2º parágrafo)
- “E um herói com seus **laivos** de mistério” (5º parágrafo)
- “nada já nos fará **oscilar**.” (6º parágrafo)

No contexto em que estão empregados, os termos em destaque significam, respectivamente,

- a) ocasionalmente – vestígios – transformar.
- b) possivelmente – marcas – afastar.
- c) eventualmente – características – mudar.
- d) imperiosamente – tipos – descobrir.
- e) certamente – indícios – variar.

Resolução

Decerto significa “por certo”, “certamente”. *Laivo* tem o sentido de “marca”, “sinal”, “vestígio”. *Oscilar* tem como sinônimos, entre outros vocábulos, “balançar”, “sofrer variação” (dicionário *Houaiss*).

Resposta: E

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: "Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?", a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente." E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um "crime passional", *Cherchez la femme*, Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes.

E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoararn-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aquelesque viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio .

• *Cherchez la femme*: Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. *A confissão de Lúcio*. 2011.)

Quando se quer chamar atenção para o Objeto Direto que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama Objeto Direto Pleonástico, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono.

(Celso Cunha e Lindley Cintra.

Nova gramática do português contemporâneo, 2000.)

Verifica-se a ocorrência de objeto direto pleonástico em:

- a) “As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados*”
- b) “Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses.”
- c) “Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes.”
- d) “Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem.”
- e) “Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer.”

Resolução

“Este momento culminante” é objeto direto do verbo *viver*, assim como o pronome oblíquo *o*, que é objeto direto pleonástico do mesmo verbo.

Resposta: **D**

Para responder às questões de números **22** a **24**, leia as opiniões em relação ao projeto de adaptação que visa facilitar obras de Machado de Assis.

TEXTO 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Nélida Piñon. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 2

É melhor que o sujeito comece a ler através de uma adaptação bem feita de um clássico do que seja obrigado a ler um texto ilegível e incompreensível segundo a linguagem e os parâmetros culturais atuais. Depois que leu a adaptação, ele pode pegar o gosto, entrar no processo de leitura e eventualmente se interessar por ler o Machado no original. Agora, dar uma machadada em um moleque que tem PS3, Xbox, 1000 canais a cabo e toda a internet à disposição é simplesmente burrice.

(Ronaldo Bressane. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 3

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de “sagacidade”. Não será a adulteração de obras, para tomá-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves. <http://www.folha.uol.com.br>)

22

Em relação à questão da facilitação das obras machadianas, a leitura comparativa dos textos deixa claro que eles

- a) mantêm alguns pontos de concordância, havendo em 3 uma clara evidência de que se deve coibir essa iniciativa.

- b) externam uma visão bastante romantizada, o que se pode confirmar com a defesa que 2 faz do alcance do projeto.
- c) expressam o mesmo ponto de vista, o que pode ser confirmado em 3 pela anuência ao apoio do Ministério da Cultura.
- d) divergem quanto ao apoio financeiro, defendido claramente em 2, velado em 3 e negado veementemente em 1.
- e) apresentam posicionamentos diferentes, sendo que 1 expressa sua ideia de contrariedade de forma bastante radical.

Resolução

No texto 1, Nélida Piñon posiciona-se radicalmente contra o projeto de Patrícia Engel Secco de popularizar a obra de Machado de Assis ao publicar uma versão “facilitada” do clássico da literatura brasileira, chegando a acadêmica a referir-se a Secco como “essa mulher” e propondo a ida às ruas para se protestar contra a publicação.

Resposta: E

TEXTO 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Nélida Piñon. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 2

É melhor que o sujeito comece a ler através de uma adaptação bem feita de um clássico do que seja obrigado a ler um texto ilegível e incompreensível segundo a linguagem e os parâmetros culturais atuais. Depois que leu a adaptação, ele pode pegar o gosto, entrar no processo de leitura e eventualmente se interessar por ler o Machado no original. Agora, dar uma machadada em um moleque que tem PS3, Xbox, 1000 canais a cabo e toda a internet à disposição é simplesmente burrice.

(Ronaldo Bressane. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 3

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de “sagacidade”. Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves. <http://www.folha.uol.com.br>)

23

Examine os enunciados:

- “Vamos **para** a rua protestar.” (Texto 1)
- “Não será a adulteração de obras, **para** torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes” (Texto 3)

O termo “para”, em destaque nos enunciados, expressa, respectivamente, sentido de

- a) movimento e finalidade.
- b) modo e conformidade.
- c) tempo e comparação.

d) movimento e comparação.

e) conformidade e finalidade.

Resolução

A preposição *para*, no primeiro segmento, indica “movimento em direção a” e, no segundo, estabelece relação de finalidade com a oração anterior.

Resposta: **A**

TEXTO 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Nélida Piñon. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 2

É melhor que o sujeito comece a ler através de uma adaptação bem feita de um clássico do que seja obrigado a ler um texto ilegível e incompreensível segundo a linguagem e os parâmetros culturais atuais. Depois que leu a adaptação, ele pode pegar o gosto, entrar no processo de leitura e eventualmente se interessar por ler o Machado no original. Agora, dar uma machadada em um moleque que tem PS3, Xbox, 1000 canais a cabo e toda a internet à disposição é simplesmente burrice.

(Ronaldo Bressane. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 3

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de “sagacidade”. Não será a adulteração de obras, para tomá-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves. <http://www.folha.uol.com.br>)

24

Examine a passagem do texto 2:

“e eventualmente se interessar por ler o **Machadão** no original. Agora, dar uma **machadada** em um moleque”

Os dois termos em destaque, derivados por sufixação, reportam a Machado de Assis. Tal recurso atribui aos substantivos, respectivamente, sentido de

- a) pejo e intimidade.
- b) ironia e simpatia.
- c) humor e reverência.
- d) simpatia e ironia.
- e) tamanho e humor.

Resolução

É comum, entre os que estudam ou leem a obra de Machado de Assis, o tratamento *Machadão*, que indica simpatia pelo grande autor, além de estabelecer proximidade com ele. *Machadada* foi empregada por Ronaldo Brassane como uma agressão destinada aos jovens que, tendo outras sedutoras distrações, são obrigados a ler Machado de Assis no original, ironicamente atribuindo ao benefício que seria conhecer o clássico da literatura brasileira a ideia de agressão aos jovens que não entenderiam o grande autor.

Resposta: D

O crítico Massaud Moisés assinala o filosofismo como uma das características de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, romance que inaugura a produção madura de Machado de Assis. Tal filosofismo pode ser identificado na passagem:

- a) “O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria.”
- b) “Entre o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o seu sistema era a destruição da dor. A dor, segundo o Humanitismo, é uma pura ilusão. Quando a criança é ameaçada por um pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa *pre-disposição*, é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida.”
- c) “Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos.
- d) “Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela.”
- e) “Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco, que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce ‘por pirraça’; e eu tinha apenas seis anos.”

Resolução

Aquilo que Massaud Moisés denomina “filosofismo” aparece na referência ao Humanitismo ou Humanistas, teoria criada por Quincas Borba. Essa teoria parodia o cientificismo da segunda metade do século XIX e tem como pressuposto “a destruição da dor”.

Resposta: **B**

“A pessoa é presa por pirataria – e aí a cadeia mostra filmes piratas?”, denunciou o americano Richard Humprey, condenado a 29 meses de prisão por distribuir conteúdo pirateado na internet. O presídio onde ele está, em Ohio, foi pego exibindo uma cópia ilegal do filme *O lobo de Wall Street*.

(*Superinteressante*, julho de 2014.)

A fala do condenado revela

- a) a sua deliberação pessoal para pagar pelas contravenções e lutar contra a pirataria em todos os setores.
- b) a sua vontade de livrar-se da contravenção, o que se torna impossível a ele com a pirataria na prisão.
- c) o seu desencanto com a vida do crime, já que até mesmo na cadeia é obrigado a conviver com a pirataria.
- d) o seu inconformismo com a contradição entre o que se prega como certo e o que se pratica, no caso da pirataria.
- e) a falta de critérios mais específicos para condenar uma pessoa por piratear conteúdos livres da internet.

Resolução

O condenado mostra-se indignado por ter sido condenado pela distribuição de conteúdo pirata na internet, uma vez que, no presídio em que estava detido, houve a exibição de uma cópia ilegal de um filme, isto é, o filme era pirateado. O presídio incorreu no mesmo delito de Richard Humprey.

Resposta: **D**

Leia o trecho do conto “O mandarim”, de Eça de Queirós, para responder às questões de números 27 a 29.

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques – que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da *Ilustração Francesa*. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

[...]

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: olhando-a enfastiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitinhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: – ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmando sobre o peito a mão de fortes velas onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar – uns odes votivas, outros o meu monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher – era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro*; então, desvairada, a *Gazeta das Locais* chamou-me o *extraceleste Sr. Teodoro*! Diante de mim nenhuma cabeça ficou jamais coberta – ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre, com nojo.

(Eça de Queirós, *O mandarim*, s/d.)

Ao descrever a sua vida de milionário, o narrador

- a) reconhece que as pessoas se aproximam dele com mais respeito e cautela, fato que o deixa desconfortável, por sua natureza humilde.
- b) sente-se lisonjeado pelo tratamento cerimonioso de que é alvo constante, sobretudo porque as pessoas são honestas em seu proceder.
- c) ironiza as relações de interesses decorrentes da sua nova condição social, deixando evidente que as pessoas se humilham perante ele.
- d) ignora a forma como os mais pobres o interpelam, pois não consegue identificar os contatos sem interesses monetários.
- e) despreza a falta de veneração à sua pessoa, principalmente pelos mais bem nascidos, que não o veem como pertencente à aristocracia.

Resolução

Teodoro, bacharel, amanuense do Ministério do Reino e narrador do conto “O Mandarim”, após apertar uma campainha, recebe a herança de Ti Chin Fu e enriquece. Sua vida, antes pobre e obscura, transforma-se repentinamente, sendo Teodoro idolatrado por todos que esperavam obter vantagens ao lado dele: “todos vinham suplicar, de lábio objeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro”. Assim, suas relações sociais e afetivas giram em torno de sua situação economicamente favorável, chegando à idolatria de se atribuir a Teodoro uma adjetivação que é motivo da ironia do narrador: “Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos de minha grandeza.”

Resposta: C

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques – que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da *Ilustração Francesa*. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

[...]

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: olhando-a enfastiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitinhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: – ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmando sobre o peito a mão de fortes velas onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar – uns odes votivas, outros o meu monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher – era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro*; então, desvairada, a *Gazeta das Locais* chamou-me o *extraceleste Sr. Teodoro!* Diante de mim nenhuma cabeça ficou jamais coberta – ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre, com nojo.

(Eça de Queirós, *O mandarim*, s/d.)

28

“Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro*; então, desvairada, a *Gazeta das Locais* chamou-me o *extraceleste sr. Teodoro!*”

Nesta passagem do último parágrafo, identifica-se uma

- a) hipérbole, por meio da qual o narrador enfatiza a intensidade de atenção recebida da imprensa portuguesa.
- b) gradação, por meio da qual o narrador reforça a ideia de bajulação posta em prática pelos jornais portugueses.
- c) ironia, por meio da qual o narrador refuta o tratamento que lhe dispensavam os jornalistas portugueses,
- d) redundância, por meio da qual o narrador deixa entrever o modo como as pessoas lhe especulavam a vida.
- e) antítese, por meio da qual o narrador explica as contradições dos jornais portugueses ao tomarem-no como assunto.

Resolução

A gradação em *clímax* está na intensificação dos adjetivos *sublime, celeste, extraceleste*, atribuídos pelos jornalistas a Teodoro.

Resposta: **B**

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques – que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da *Ilustração Francesa*. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

[...]

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: olhando-a enfastiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitinhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: – ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmando sobre o peito a mão de fortes velas onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar – uns odes votivas, outros o meu monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher – era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro*; então, desvairada, a *Gazeta das Locais* chamou-me o *extraceleste Sr. Teodoro!* Diante de mim nenhuma cabeça ficou jamais coberta – ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre, com nojo.

(Eça de Queirós, *O mandarim*, s/d.)

29

Assinale a alternativa que apresenta uma correta análise de passagem do texto.

- a) Em “que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce” (1º parágrafo), a locução conjuntiva em destaque estabelece relação de tempo entre as orações.

- b) Em “e ela **mesma** me servia, com o seu vestido de seda dos domingos” (1º parágrafo), o termo em destaque pode ser substituído por “mesmo”, sem prejuízo de sentido ao texto.
- c) Em “olhando-**a** enfasiado das janelas da galeria” (2º parágrafo), o pronome em destaque recupera o substantivo “Lisboa”.
- d) Em “era logo ao outro dia uma carta **em que** a criatura” (3º parágrafo), a expressão em destaque pode ser substituída, de acordo com a norma-padrão, por “cuja”.
- e) Em “derrama **ali** a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão” (1º parágrafo), o advérbio em destaque recupera a expressão “versos eróticos de Catulo”.

Resolução

A locução conjuntiva *desde que* estabelece relação de tempo. Em *b*, o pronome demonstrativo *mesma* concorda com o pronome pessoal *ela* e não pode ser substituído por *mesmo*; em *c*, o pronome oblíquo *a* refere-se a “turba”; em *d*, o pronome relativo *que* vem antecedido pela preposição *em* porque se referem a um espaço: “uma carta”. Em *e*, o advérbio *ali* (lugar) refere-se ao quarto do personagem, “o meu leito”.

Resposta: **A**

Leia o soneto de Cruz e Sousa.

Silêncios

“Largos Silêncios interpretativos,
Adoçados por funda nostalgia,
Balada de consolo e simpatia
Que os sentimentos meus torna cativos;

Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lágrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos sugestivos.

Ó Silêncios! ó cândidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais límpido cortejo...

Eu vos sinto os mistérios insondáveis
Como de estranhos anjos inefáveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!

(Cruz e Sousa. *Broquéis, Faróis. Últimos Sonetos*, 2008.)

A análise do soneto revela como tema e recursos poéticos, respectivamente:

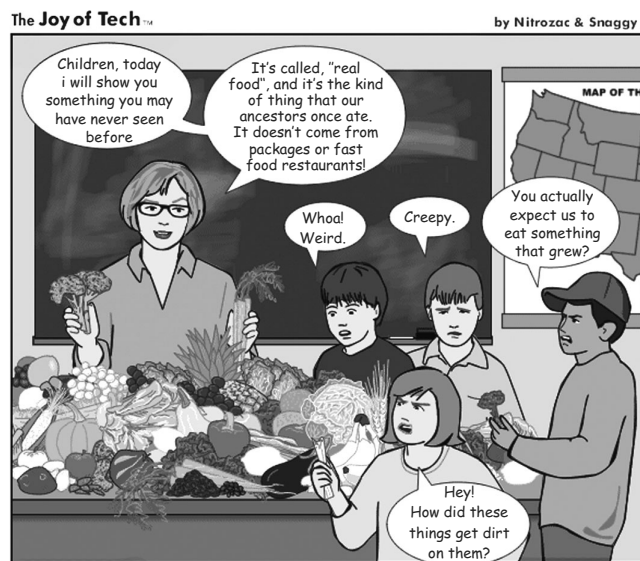
- a) a aura de mistério e de transcendentalidade suaviza o sofrimento do eu lírico; rimas alternadas e sinestésias se evidenciam nos versos de redondilha maior.
- b) o esforço de superação do sofrimento coexiste com o esgotamento das forças do eu lírico; assonâncias e metonímias reforçam os contrastes das rimas alternadas em versos livres.
- c) a religiosidade como forma de superação do sofrimento humano; metáforas e antíteses reforçam o negativismo da desagregação existencial nos versos livres.
- d) a apresentação da condição existencial do eu lírico, marcada pelo sofrimento, em uma abordagem transcendente; assonâncias e aliterações reforçam a sonoridade nos versos decassílabos.
- e) o apelo à subjetividade e à espiritualidade denota a conciliação entre o eu lírico e o mundo; metáforas e sinestésias reforçam o sentido de transcendentalidade nos versos de doze sílabas.

Resolução

Os versos decassílabos de Cruz e Sousa enfatizam o sofrimento existencial do eu lírico, que busca no silêncio o lenitivo para suas dores e sofrimentos. A musicalidade do poema é reforçada pela assonância das vogais *a* e *o* e pela aliteração da consoante *s*.

Resposta: **D**

Examine o quadrinho para responder às questões de números 31 e 32.



(www.starling-fitness.com)

31

O quadrinho faz uma crítica

- a) à falta de bons modos explicitada pela linguagem usada pelas crianças.
- b) aos maus hábitos alimentares praticados pelas crianças em geral.
- c) às crianças que não comem vegetais de cor verde.
- d) à professora que não está familiarizada com os desejos das crianças.
- e) ao conflito entre gerações, ou seja, diferenças de comportamento entre pais e filhos.

Resolução

Depreende-se da leitura do quadrinho que há uma crítica aos maus hábitos alimentares praticados pelas crianças em geral ("It doesn't come from package or fast food restaurants!")

Resposta: **B**



(www.starling-fitness.com)

32

When introduced to “real food” the children express

- a) damage.
- b) awareness.
- c) revulsion.
- d) disguise.
- e) sorrow.

Resolução

Quando introduzidas à “comida verdadeira” as crianças expressam repulsa.

“Weird” = esquisito

“Creepy” = horripilante

Resposta: C

Leia o texto para responder as questões de números 33 a 38.

Healthy choices

How do we reduce waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do?

By Telegraph View

22Aug 2014



Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, suggests that parents feed their children from smaller plates. Photo: Alamy

Every new piece of information about Britain's weight problem makes for ever more depressing reading. Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, today tells us that by 2034 some six million Britons will suffer from diabetes. Of course, many people develop diabetes through no fault of their own. But Mr Selbie's research concludes that if the levels of obesity returned to their 1994 levels, 1.7 million fewer people would suffer from the condition.

Given that fighting diabetes already drains the National Health Service (NHS) by more than £1.5 million, or 10 per cent of its budget for England, the impact upon the Treasury in 20 years' time from unhealthy lifestyles could be catastrophic. Bad health not only impacts on the individual but also on the rest of the community.

Diagnosis of the challenge is straightforward. The tougher question is what to do about reducing waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do.

It is interesting to note that Mr Selbie does not ascribe to the Big Brother approach of ceaseless legislation and nannying. Rather, he is keen to promote Choices – making the case passionately that people should be encouraged to embrace good health. One of his suggestions is that parents feed their children from smaller plates. That way the child can clear his or her plate, as ordered, without actually consuming too much. Like all good ideas, this is rooted in common sense.

(www.telegraph.co.uk Adaptado)

According to the text, Mr Duncan Selbie concluded that

- a) 1.7 million people are obese and have serious health risks in the UK.
- b) there are certain genetic conditions that pose the risk of developing diabetes.
- c) there were more diabetic people twenty years ago.
- d) obesity will escalate quickly in the next 20 years after a reduction in the last 20 years.
- e) less people would suffer from diabetes if obesity levels reverted to 1994 figures.

Resolução

De acordo com o texto, o Sr. Duncan Selbie concluiu que menos pessoas sofreriam de diabetes se os níveis de obesidade revertssem aos números de 1994.

No texto: ... “But Mr Selbie’s research concludes that if the levels of obesity returned to their 1994 levels, 1.7 million fewer people would suffer from the condition.”

Resposta: E

Healthy choices

How do we reduce waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do?

By Telegraph Vtew

22Aug 2014



Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, suggests that parents feed their children from smaller plates. Photo: Alamy

Every new piece of information about Britain's weight problem makes for ever more depressing reading. Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, today tells us that by 2034 some six million Britons will suffer from diabetes. Of course, many people develop diabetes through no fault of their own. But Mr Selbie's research concludes that if the levels of obesity returned to their 1994 levels, 1.7 million fewer people would suffer from the condition.

Given that fighting diabetes already drains the National Health Service (NHS) by more than £1.5 billion, or 10 per cent of its budget for England, the impact upon the Treasury in 20 years' time from unhealthy lifestyles could be catastrophic. Bad health not only impacts on the individual but also on the rest of the community.

Diagnosis of the challenge is straightforward. The tougher question is what to do about reducing waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do.

It is interesting to note that Mr Selbie does not ascribe to the Big Brother approach of ceaseless legislation and nannying. Rather, he is keen to promote Choices – making the case passionately that people should be encouraged to embrace good health. One of his suggestions is that parents feed their children from smaller plates. That way the child can clear his or her plate, as ordered, without actually consuming too much. Like all good ideas, this is rooted in common sense.

(www.telegraph.co.uk Adaptado)

The excerpt from the first paragraph “many people develop diabetes through no fault of their own” means that these people

- a) should reduce their waistline.
- b) can't be blamed for getting ill.
- c) probably led an unhealthy lifestyle.
- d) might take part in a research for new medicines.
- e) will have to undergo an expensive treatment paid by the NHS.

Resolução

A afirmação do primeiro parágrafo “Muitas pessoas desenvolvem diabetes não por suas próprias culpas”, significa que aquelas pessoas não têm culpa de adoecerem.

Resposta: **B**

Healthy choices

How do we reduce waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do?

By Telegraph Vtew

22Aug 2014



Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, suggests that parents feed their children from smaller plates. Photo: Alamy

Every new piece of information about Britain's weight problem makes for ever more depressing reading. Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, today tells us that by 2034 some six million Britons will suffer from diabetes. Of course, many people develop diabetes through no fault of their own. But Mr Selbie's research concludes that if the levels of obesity returned to their 1994 levels, 1.7 million fewer people would suffer from the condition.

Given that fighting diabetes already drains the National Health Service (NHS) by more than £1.5 million, or 10 per cent of its budget for England, the impact upon the Treasury in 20 years' time from unhealthy lifestyles could be catastrophic. Bad health not only impacts on the individual but also on the rest of the community.

Diagnosis of the challenge is straightforward. The tougher question is what to do about reducing waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do.

It is interesting to note that Mr Selbie does not ascribe to the Big Brother approach of ceaseless legislation and nannying. Rather, he is keen to promote Choices – making the case passionately that people should be encouraged to embrace good health. One of his suggestions is that parents feed their children from smaller plates. That way the child can clear his or her plate, as ordered, without actually consuming too much. Like all good ideas, this is rooted in common sense.

(www.telegraph.co.uk Adaptado)

Segundo o texto, a diabetes

- a) deve ter suas causas divulgadas, para que as pessoas saibam como curá-la.
- b) esgotará os recursos para a saúde em 20 anos nos países desenvolvidos.
- c) consome 10% do orçamento do sistema público de saúde na Inglaterra, com tendência a aumentar.
- d) precisa ser diagnosticada e tratada rapidamente, para evitar danos futuros à saúde.
- e) será responsável por uma catástrofe nas comunidades onde a obesidade prevalece.

Resolução

Segundo o texto, a diabetes consome 10% do orçamento do sistema público de saúde na Inglaterra, com tendência a aumentar.

No texto: ... “Given that fighting diabetes already drains the National Health Service (NHS) by more than £1.5 million, or 10 per cent of its budget for England. the impact upon the Treasury in 20 years’ time from unhealthy lifestyles could be catastrophic.”

Resposta: C

Healthy choices

How do we reduce waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do?

By Telegraph Vtew

22Aug 2014



Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, suggests that parents feed their children from smaller plates. Photo: Alamy

Every new piece of information about Britain's weight problem makes for ever more depressing reading. Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, today tells us that by 2034 some six million Britons will suffer from diabetes. Of course, many people develop diabetes through no fault of their own. But Mr Selbie's research concludes that if the levels of obesity returned to their 1994 levels, 1.7 million fewer people would suffer from the condition.

Given that fighting diabetes already drains the National Health Service (NHS) by more than £1.5 million, or 10 per cent of its budget for England, the impact upon the Treasury in 20 years' time from unhealthy lifestyles could be catastrophic. Bad health not only impacts on the individual but also on the rest of the community.

Diagnosis of the challenge is straightforward. The tougher question is what to do about reducing waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do.

It is interesting to note that Mr Selbie does not ascribe to the Big Brother approach of ceaseless legislation and nannying. Rather, he is keen to promote Choices – making the case passionately that people should be encouraged to embrace good health. One of his suggestions is that parents feed their children from smaller plates. That way the child can clear his or her plate, as ordered, without actually consuming too much. Like all good ideas, this is rooted in common sense.

(www.telegraph.co.uk Adaptado)

No trecho inicial do segundo parágrafo “**Given that** fighting diabetes already drains the National Health Service”, a expressão em destaque introduz

- a) um pressuposto.
- b) uma generalização.
- c) um exemplo.
- d) uma consequência.
- e) uma finalidade.

Resolução

No trecho inicial do segundo parágrafo “**Dado que** combater a diabetes já suga o Serviço de Saúde Nacional”, a expressão em destaque introduz um pressuposto.

* given that = dado que.

Resposta: **A**

Healthy choices

How do we reduce waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do?

By Telegraph Vtew

22Aug 2014



Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, suggests that parents feed their children from smaller plates. Photo: Alamy

Every new piece of information about Britain's weight problem makes for ever more depressing reading. Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, today tells us that by 2034 some six million Britons will suffer from diabetes. Of course, many people develop diabetes through no fault of their own. But Mr Selbie's research concludes that if the levels of obesity returned to their 1994 levels, 1.7 million fewer people would suffer from the condition.

Given that fighting diabetes already drains the National Health Service (NHS) by more than £1.5 million, or 10 per cent of its budget for England, the impact upon the Treasury in 20 years' time from unhealthy lifestyles could be catastrophic. Bad health not only impacts on the individual but also on the rest of the community.

Diagnosis of the challenge is straightforward. The tougher question is what to do about reducing waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do.

It is interesting to note that Mr Selbie does not ascribe to the Big Brother approach of ceaseless legislation and nannying. Rather, he is keen to promote Choices – making the case passionately that people should be encouraged to embrace good health. One of his suggestions is that parents feed their children from smaller plates. That way the child can clear his or her plate, as ordered, without actually consuming too much. Like all good ideas, this is rooted in common sense.

(www.telegraph.co.uk Adaptado)

No trecho do segundo parágrafo “Bad health not only impacts on the individual but also on the rest of the community”, a expressão “not only ... but also” indica uma ideia de

- a) negação.
- b) comparação.
- c) alternativa.
- d) inclusão.
- e) contraste.

Resolução

No trecho do segundo parágrafo “ A saúde ruim não apenas impacta o indivíduo mas também o restante da comunidade; a expressão “não apenas ... mas também” indica uma ideia de inclusão.

Resposta: **D**

Healthy choices

How do we reduce waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do?

By Telegraph Vtew

22Aug 2014



Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, suggests that parents feed their children from smaller plates. Photo: Alamy

Every new piece of information about Britain's weight problem makes for ever more depressing reading. Duncan Selbie, the Chief Executive of Public Health England, today tells us that by 2034 some six million Britons will suffer from diabetes. Of course, many people develop diabetes through no fault of their own. But Mr Selbie's research concludes that if the levels of obesity returned to their 1994 levels, 1.7 million fewer people would suffer from the condition.

Given that fighting diabetes already drains the National Health Service (NHS) by more than £1.5 million, or 10 per cent of its budget for England, the impact upon the Treasury in 20 years' time from unhealthy lifestyles could be catastrophic. Bad health not only impacts on the individual but also on the rest of the community.

Diagnosis of the challenge is straightforward. The tougher question is what to do about reducing waistlines in a country where we traditionally do not like telling individuals what to do.

It is interesting to note that Mr Selbie does not ascribe to the Big Brother approach of ceaseless legislation and nannying. Rather, he is keen to promote Choices – making the case passionately that people should be encouraged to embrace good health. One of his suggestions is that parents feed their children from smaller plates. That way the child can clear his or her plate, as ordered, without actually consuming too much. Like all good ideas, this is rooted in common sense.

(www.telegraph.co.uk Adaptado)

No trecho do quarto parágrafo “**Rather**, he is keen to promote choices”, o termo em destaque equivale, em português, a

- a) por sinal.
- b) mesmo assim.
- c) pelo contrário.
- d) via de regra.
- e) além disso.

Resolução

Tradução do trecho

“Pelo contrário, ele está ansioso para estimular a escolha”.

Resposta: **C**

Leia o texto para responder às questões de números 39 a 45.

The Rise of Antibiotic Resistance

By The Editorial Board

May 10, 2014

The World Health Organization has surveyed the growth of antibiotic-resistant germs around the world – the first such survey it has ever conducted – and come up with disturbing findings. In a report issued late last month, the organization found that antimicrobial resistance in bacteria (the main focus of the report), fungi, viruses and parasites is an increasingly serious threat in every part of the world. “A problem so serious that it threatens the achievements of modern medicine,” the organization said. “A post-antibiotic era, in which common infections and minor injuries can kill, far from being an apocalyptic fantasy, is instead a very real possibility for the 21st century.”

The growth of antibiotic-resistant pathogens means that in ever more cases, standard treatments no longer work, infections are harder or impossible to control, the risk of spreading infections to others is increased, and illnesses and hospital stays are prolonged. All of these drive up the costs of illnesses and the risk of death. The survey sought to determine the scope of the problem by asking countries to submit their most recent surveillance data (114 did so). Unfortunately, the data was glaringly incomplete because few countries track and monitor antibiotic resistance comprehensively, and there is no standard methodology for doing so.

Still, it is clear that major resistance problems have already developed, both for antibiotics that are used routinely and for those deemed “last resort” treatments to cure people when all else has failed. Carbapenem antibiotics, a class of drugs used as a last resort to treat life-threatening infections caused by a common intestinal bacterium, have failed to work in more than half the people treated in some countries. The bacterium is a major cause of hospital-acquired infections such as pneumonia, bloodstream infections, and infections in newborns and intensive-care patients. Similarly, the failure of a last-resort treatment for gonorrhoea has been confirmed in 10 countries, including many with advanced health care systems, such as Australia, Canada, France, Sweden and Britain. And resistance to a class of antibiotics that is routinely used to treat urinary tract infections caused by *E. coli* is widespread; in some countries the drugs are now ineffective in more than half of the patients treated. This sobering report is intended to kick-start a global campaign to develop tools and standards to track drug resistance, measure its health and economic impact, and design solutions.

The most urgent need is to minimize the overuse of antibiotics in medicine and agriculture, which accelerates the development of resistant strains. In the United States, the Food and Drug Administration (FDA) has issued voluntary guidelines calling on drug companies, animal producers and veterinarians to stop indiscriminately using antibiotics that are important for treating humans on livestock; the drug companies have said they will comply. But the agency, shortsightedly, has appealed a court order requiring it to ban the use of penicillin and two forms of tetracycline by animal producers to promote growth unless they provide proof that it will not promote drug-resistant microbes.

The pharmaceutical industry needs to be encouraged to develop new antibiotics to supplement those that are losing their effectiveness. The Royal Pharmaceutical Society, which represents pharmacists in Britain, called this month for stronger financial incentives. It said that no new class of antibiotics has been discovered since 1987, largely because the financial returns for finding new classes of antibiotics are too low. Unlike lucrative drugs to treat chronic diseases like cancer and cardiovascular ailments, antibiotics are typically taken for a short period of time, and any new drug is apt to be used sparingly and held in reserve to treat patients resistant to existing drugs. Antibiotics have transformed medicine and saved countless lives over the past seven decades. Now, rampant overuse and the lack of new drugs in the pipeline threaten to undermine their effectiveness.

(www.nytimes.com. Adaptado.)

39

Segundo o texto, um dos objetivos do relatório da Organização Mundial da Saúde é

- a) fazer um levantamento inicial dos principais micro-organismos que causam doenças.
- b) evitar a contaminação de pessoas saudáveis por drogas ineficientes.
- c) identificar os países que não têm dados fidedignos sobre a resistência aos antibióticos.
- d) iniciar uma campanha mundial para desenvolver metodologias para acompanhar a resistência às drogas.
- e) fornecer subsídios à indústria farmacêutica para atualizar as drogas existentes.

Resolução

Lê-se no texto:

“The World Health Organization has surveyed the growth of antibiotic-resistant germs around the world – the first such survey it has ever conducted – and come up with disturbing findings. In a report issued late last month, the organization found that antimicrobial resistance in bacteria (the main focus of the report), fungi, viruses and parasites is an increasingly serious threat in every part of the world.”

Resposta: **D**

The Rise of Antibiotic Resistance

By The Editorial Board

May 10, 2014

The World Health Organization has surveyed the growth of antibiotic-resistant germs around the world – the first such survey it has ever conducted – and come up with disturbing findings. In a report issued late last month, the organization found that antimicrobial resistance in bacteria (the main focus of the report), fungi, viruses and parasites is an increasingly serious threat in every part of the world. “A problem so serious that it threatens the achievements of modern medicine,” the organization said. “A post-antibiotic era, in which common infections and minor injuries can kill, far from being an apocalyptic fantasy, is instead a very real possibility for the 21st century.”

The growth of antibiotic-resistant pathogens means that in ever more cases, standard treatments no longer work, infections are harder or impossible to control, the risk of spreading infections to others is increased, and illnesses and hospital stays are prolonged. All of these drive up the costs of illnesses and the risk of death. The survey sought to determine the scope of the problem by asking countries to submit their most recent surveillance data (114 did so). Unfortunately, the data was glaringly incomplete because few countries track and monitor antibiotic resistance comprehensively, and there is no standard methodology for doing so.

Still, it is clear that major resistance problems have already developed, both for antibiotics that are used routinely and for those deemed “last resort” treatments to cure people when all else has failed. Carbapenem antibiotics, a class of drugs used as a last resort to treat life-threatening infections caused by a common intestinal bacterium, have failed to work in more than half the people treated in some countries. The bacterium is a major cause of hospital-acquired infections such as pneumonia, bloodstream infections, and infections in newborns and intensive-care patients. Similarly, the failure of a last-resort treatment for gonorrhoea has been confirmed in 10 countries, including many with advanced health care systems, such as Australia, Canada, France, Sweden and Britain. And resistance to a class of antibiotics that is routinely used to treat urinary tract infections caused by *E. coli* is widespread; in some countries the drugs are now ineffective in more than half of the patients treated. This sobering report is intended to kick-start a global campaign to develop tools and standards to track drug resistance, measure its health and economic impact, and design solutions.

The most urgent need is to minimize the overuse of antibiotics in medicine and agriculture, which accelerates

the development of resistant strains. In the United States, the Food and Drug Administration (FDA) has issued voluntary guidelines calling on drug companies, animal producers and veterinarians to stop indiscriminately using antibiotics that are important for treating humans on livestock; the drug companies have said they will comply. But the agency, shortsightedly, has appealed a court order requiring it to ban the use of penicillin and two forms of tetracycline by animal producers to promote growth unless they provide proof that it will not promote drug-resistant microbes.

The pharmaceutical industry needs to be encouraged to develop new antibiotics to supplement those that are losing their effectiveness. The Royal Pharmaceutical Society, which represents pharmacists in Britain, called this month for stronger financial incentives. It said that no new class of antibiotics has been discovered since 1987, largely because the financial returns for finding new classes of antibiotics are too low. Unlike lucrative drugs to treat chronic diseases like cancer and cardiovascular ailments, antibiotics are typically taken for a short period of time, and any new drug is apt to be used sparingly and held in reserve to treat patients resistant to existing drugs. Antibiotics have transformed medicine and saved countless lives over the past seven decades. Now, rampant overuse and the lack of new drugs in the pipeline threaten to undermine their effectiveness.

(www.nytimes.com. Adaptado.)

40

Segundo o texto, o relatório da Organização Mundial da Saúde

- a) constatou que as infestações por parasitas ainda não têm antídotos eficientes.
- b) concentrou-se no problema das bactérias resistentes aos antibióticos existentes.
- c) utilizou dados detalhados de mais de 114 países para verificar os resultados.
- d) revelou que muitas internações hospitalares são desnecessárias e dispendiosas.
- e) comparou as classes de antibióticos descobertas após 1987 para avaliar sua eficácia.

Resolução

Lê-se no texto: “... the organization found that antimicrobial resistance in bacteria (the main focus of the report), fungi, viruses and parasites is an increasingly serious threat in every part of the world.”

Resposta: **B**

The Rise of Antibiotic Resistance

By The Editorial Board

May 10, 2014

The World Health Organization has surveyed the growth of antibiotic-resistant germs around the world – the first such survey it has ever conducted – and come up with disturbing findings. In a report issued late last month, the organization found that antimicrobial resistance in bacteria (the main focus of the report), fungi, viruses and parasites is an increasingly serious threat in every part of the world. “A problem so serious that it threatens the achievements of modern medicine,” the organization said. “A post-antibiotic era, in which common infections and minor injuries can kill, far from being an apocalyptic fantasy, is instead a very real possibility for the 21st century.”

The growth of antibiotic-resistant pathogens means that in ever more cases, standard treatments no longer work, infections are harder or impossible to control, the risk of spreading infections to others is increased, and illnesses and hospital stays are prolonged. All of these drive up the costs of illnesses and the risk of death. The survey sought to determine the scope of the problem by asking countries to submit their most recent surveillance data (114 did so). Unfortunately, the data was glaringly incomplete because few countries track and monitor antibiotic resistance comprehensively, and there is no standard methodology for doing so.

Still, it is clear that major resistance problems have already developed, both for antibiotics that are used routinely and for those deemed “last resort” treatments to cure people when all else has failed. Carbapenem antibiotics, a class of drugs used as a last resort to treat life-threatening infections caused by a common intestinal bacterium, have failed to work in more than half the people treated in some countries. The bacterium is a major cause of hospital-acquired infections such as pneumonia, bloodstream infections, and infections in newborns and intensive-care patients. Similarly, the failure of a last-resort treatment for gonorrhoea has been confirmed in 10 countries, including many with advanced health care systems, such as Australia, Canada, France, Sweden and Britain. And resistance to a class of antibiotics that is routinely used to treat urinary tract infections caused by *E. coli* is widespread; in some countries the drugs are now ineffective in more than half of the patients treated. This sobering report is intended to kick-start a global campaign to develop tools and standards to track drug resistance, measure its health and economic impact, and design solutions.

The most urgent need is to minimize the overuse of antibiotics in medicine and agriculture, which accelerates

the development of resistant strains. In the United States, the Food and Drug Administration (FDA) has issued voluntary guidelines calling on drug companies, animal producers and veterinarians to stop indiscriminately using antibiotics that are important for treating humans on livestock; the drug companies have said they will comply. But the agency, shortsightedly, has appealed a court order requiring it to ban the use of penicillin and two forms of tetracycline by animal producers to promote growth unless they provide proof that it will not promote drug-resistant microbes.

The pharmaceutical industry needs to be encouraged to develop new antibiotics to supplement those that are losing their effectiveness. The Royal Pharmaceutical Society, which represents pharmacists in Britain, called this month for stronger financial incentives. It said that no new class of antibiotics has been discovered since 1987, largely because the financial returns for finding new classes of antibiotics are too low. Unlike lucrative drugs to treat chronic diseases like cancer and cardiovascular ailments, antibiotics are typically taken for a short period of time, and any new drug is apt to be used sparingly and held in reserve to treat patients resistant to existing drugs. Antibiotics have transformed medicine and saved countless lives over the past seven decades. Now, rampant overuse and the lack of new drugs in the pipeline threaten to undermine their effectiveness.

(www.nytimes.com. Adaptado.)

41

According to the text, last resort antibiotics

- a) have not performed as they should in the case of gonorrhoea in 10 countries.
- b) don't work anymore in all developed countries due to their overuse.
- c) are very expensive and therefore can be taken only in a hospital.
- d) are usually prescribed for intestinal infections by most physicians.
- e) should be replaced by ordinary treatments since they are mostly unsuccessful.

Resolução

De acordo com o texto, os antibióticos de última geração, não funcionaram como deveriam no caso da gonorreia em 10 países.

Lê-se no texto: "... the failure of a last-resort treatment for gonorrhoea has been confirmed in 10 countries".

Resposta: **A**

The Rise of Antibiotic Resistance

By The Editorial Board

May 10, 2014

The World Health Organization has surveyed the growth of antibiotic-resistant germs around the world – the first such survey it has ever conducted – and come up with disturbing findings. In a report issued late last month, the organization found that antimicrobial resistance in bacteria (the main focus of the report), fungi, viruses and parasites is an increasingly serious threat in every part of the world. “A problem so serious that it threatens the achievements of modern medicine,” the organization said. “A post-antibiotic era, in which common infections and minor injuries can kill, far from being an apocalyptic fantasy, is instead a very real possibility for the 21st century.”

The growth of antibiotic-resistant pathogens means that in ever more cases, standard treatments no longer work, infections are harder or impossible to control, the risk of spreading infections to others is increased, and illnesses and hospital stays are prolonged. All of these drive up the costs of illnesses and the risk of death. The survey sought to determine the scope of the problem by asking countries to submit their most recent surveillance data (114 did so). Unfortunately, the data was glaringly incomplete because few countries track and monitor antibiotic resistance comprehensively, and there is no standard methodology for doing so.

Still, it is clear that major resistance problems have already developed, both for antibiotics that are used routinely and for those deemed “last resort” treatments to cure people when all else has failed. Carbapenem antibiotics, a class of drugs used as a last resort to treat life-threatening infections caused by a common intestinal bacterium, have failed to work in more than half the people treated in some countries. The bacterium is a major cause of hospital-acquired infections such as pneumonia, bloodstream infections, and infections in newborns and intensive-care patients. Similarly, the failure of a last-resort treatment for gonorrhoea has been confirmed in 10 countries, including many with advanced health care systems, such as Australia, Canada, France, Sweden and Britain. And resistance to a class of antibiotics that is routinely used to treat urinary tract infections caused by *E. coli* is widespread; in some countries the drugs are now ineffective in more than half of the patients treated. This sobering report is intended to kick-start a global campaign to develop tools and standards to track drug resistance, measure its health and economic impact, and design solutions.

The most urgent need is to minimize the overuse of antibiotics in medicine and agriculture, which accelerates

the development of resistant strains. In the United States, the Food and Drug Administration (FDA) has issued voluntary guidelines calling on drug companies, animal producers and veterinarians to stop indiscriminately using antibiotics that are important for treating humans on livestock; the drug companies have said they will comply. But the agency, shortsightedly, has appealed a court order requiring it to ban the use of penicillin and two forms of tetracycline by animal producers to promote growth unless they provide proof that it will not promote drug-resistant microbes.

The pharmaceutical industry needs to be encouraged to develop new antibiotics to supplement those that are losing their effectiveness. The Royal Pharmaceutical Society, which represents pharmacists in Britain, called this month for stronger financial incentives. It said that no new class of antibiotics has been discovered since 1987, largely because the financial returns for finding new classes of antibiotics are too low. Unlike lucrative drugs to treat chronic diseases like cancer and cardiovascular ailments, antibiotics are typically taken for a short period of time, and any new drug is apt to be used sparingly and held in reserve to treat patients resistant to existing drugs. Antibiotics have transformed medicine and saved countless lives over the past seven decades. Now, rampant overuse and the lack of new drugs in the pipeline threaten to undermine their effectiveness.

(www.nytimes.com. Adaptado.)

42

According to the fourth paragraph of the text, the Food and Drug Administration

- a) allows the use of growth promoters in agriculture.
- b) convinced animal producers to use only tetracycline to promote animal growth.
- c) banned the use of penicillin and tetracycline by animal producers.
- d) proved that antibiotic use in agriculture doesn't pose any harm.
- e) issued a quite mild guideline to tackle excessive antibiotic use in livestock.

Resolução

De acordo com o quarto parágrafo do texto, a FDA emitiu uma orientação bastante moderada para enfrentar o uso excessivo de antibióticos na criação de animais.

No texto: “(FDA) has issued voluntary guidelines calling on drug companies, animal producers and veterinarians to stop indiscriminately using antibiotics that are important for treating humans on livestock.”

Resposta: E

The Rise of Antibiotic Resistance

By The Editorial Board

May 10, 2014

The World Health Organization has surveyed the growth of antibiotic-resistant germs around the world – the first such survey it has ever conducted – and come up with disturbing findings. In a report issued late last month, the organization found that antimicrobial resistance in bacteria (the main focus of the report), fungi, viruses and parasites is an increasingly serious threat in every part of the world. “A problem so serious that it threatens the achievements of modern medicine,” the organization said. “A post-antibiotic era, in which common infections and minor injuries can kill, far from being an apocalyptic fantasy, is instead a very real possibility for the 21st century.”

The growth of antibiotic-resistant pathogens means that in ever more cases, standard treatments no longer work, infections are harder or impossible to control, the risk of spreading infections to others is increased, and illnesses and hospital stays are prolonged. All of these drive up the costs of illnesses and the risk of death. The survey sought to determine the scope of the problem by asking countries to submit their most recent surveillance data (114 did so). Unfortunately, the data was glaringly incomplete because few countries track and monitor antibiotic resistance comprehensively, and there is no standard methodology for doing so.

Still, it is clear that major resistance problems have already developed, both for antibiotics that are used routinely and for those deemed “last resort” treatments to cure people when all else has failed. Carbapenem antibiotics, a class of drugs used as a last resort to treat life-threatening infections caused by a common intestinal bacterium, have failed to work in more than half the people treated in some countries. The bacterium is a major cause of hospital-acquired infections such as pneumonia, bloodstream infections, and infections in newborns and intensive-care patients. Similarly, the failure of a last-resort treatment for gonorrhoea has been confirmed in 10 countries, including many with advanced health care systems, such as Australia, Canada, France, Sweden and Britain. And resistance to a class of antibiotics that is routinely used to treat urinary tract infections caused by *E. coli* is widespread; in some countries the drugs are now ineffective in more than half of the patients treated. This sobering report is intended to kick-start a global campaign to develop tools and standards to track drug resistance, measure its health and economic impact, and design solutions.

The most urgent need is to minimize the overuse of antibiotics in medicine and agriculture, which accelerates

the development of resistant strains. In the United States, the Food and Drug Administration (FDA) has issued voluntary guidelines calling on drug companies, animal producers and veterinarians to stop indiscriminately using antibiotics that are important for treating humans on livestock; the drug companies have said they will comply. But the agency, shortsightedly, has appealed a court order requiring it to ban the use of penicillin and two forms of tetracycline by animal producers to promote growth unless they provide proof that it will not promote drug-resistant microbes.

The pharmaceutical industry needs to be encouraged to develop new antibiotics to supplement those that are losing their effectiveness. The Royal Pharmaceutical Society, which represents pharmacists in Britain, called this month for stronger financial incentives. It said that no new class of antibiotics has been discovered since 1987, largely because the financial returns for finding new classes of antibiotics are too low. Unlike lucrative drugs to treat chronic diseases like cancer and cardiovascular ailments, antibiotics are typically taken for a short period of time, and any new drug is apt to be used sparingly and held in reserve to treat patients resistant to existing drugs. Antibiotics have transformed medicine and saved countless lives over the past seven decades. Now, rampant overuse and the lack of new drugs in the pipeline threaten to undermine their effectiveness.

(www.nytimes.com. Adaptado.)

43

No trecho do quarto parágrafo “has appealed a court order requiring **it** to ban the use of penicillin”, o termo em destaque se refere a

- a) drug companies.
- b) Food and Drug Administration.
- c) penicillin.
- d) a court order.
- e) animal producers.

Resolução

O termo em destaque refere-se a Food and Drug Administration.

Resposta: **B**

The Rise of Antibiotic Resistance

By The Editorial Board

May 10, 2014

The World Health Organization has surveyed the growth of antibiotic-resistant germs around the world – the first such survey it has ever conducted – and come up with disturbing findings. In a report issued late last month, the organization found that antimicrobial resistance in bacteria (the main focus of the report), fungi, viruses and parasites is an increasingly serious threat in every part of the world. “A problem so serious that it threatens the achievements of modern medicine,” the organization said. “A post-antibiotic era, in which common infections and minor injuries can kill, far from being an apocalyptic fantasy, is instead a very real possibility for the 21st century.”

The growth of antibiotic-resistant pathogens means that in ever more cases, standard treatments no longer work, infections are harder or impossible to control, the risk of spreading infections to others is increased, and illnesses and hospital stays are prolonged. All of these drive up the costs of illnesses and the risk of death. The survey sought to determine the scope of the problem by asking countries to submit their most recent surveillance data (114 did so). Unfortunately, the data was glaringly incomplete because few countries track and monitor antibiotic resistance comprehensively, and there is no standard methodology for doing so.

Still, it is clear that major resistance problems have already developed, both for antibiotics that are used routinely and for those deemed “last resort” treatments to cure people when all else has failed. Carbapenem antibiotics, a class of drugs used as a last resort to treat life-threatening infections caused by a common intestinal bacterium, have failed to work in more than half the people treated in some countries. The bacterium is a major cause of hospital-acquired infections such as pneumonia, bloodstream infections, and infections in newborns and intensive-care patients. Similarly, the failure of a last-resort treatment for gonorrhoea has been confirmed in 10 countries, including many with advanced health care systems, such as Australia, Canada, France, Sweden and Britain. And resistance to a class of antibiotics that is routinely used to treat urinary tract infections caused by *E. coli* is widespread; in some countries the drugs are now ineffective in more than half of the patients treated. This sobering report is intended to kick-start a global campaign to develop tools and standards to track drug resistance, measure its health and economic impact, and design solutions.

The most urgent need is to minimize the overuse of antibiotics in medicine and agriculture, which accelerates

the development of resistant strains. In the United States, the Food and Drug Administration (FDA) has issued voluntary guidelines calling on drug companies, animal producers and veterinarians to stop indiscriminately using antibiotics that are important for treating humans on livestock; the drug companies have said they will comply. But the agency, shortsightedly, has appealed a court order requiring it to ban the use of penicillin and two forms of tetracycline by animal producers to promote growth unless they provide proof that it will not promote drug-resistant microbes.

The pharmaceutical industry needs to be encouraged to develop new antibiotics to supplement those that are losing their effectiveness. The Royal Pharmaceutical Society, which represents pharmacists in Britain, called this month for stronger financial incentives. It said that no new class of antibiotics has been discovered since 1987, largely because the financial returns for finding new classes of antibiotics are too low. Unlike lucrative drugs to treat chronic diseases like cancer and cardiovascular ailments, antibiotics are typically taken for a short period of time, and any new drug is apt to be used sparingly and held in reserve to treat patients resistant to existing drugs. Antibiotics have transformed medicine and saved countless lives over the past seven decades. Now, rampant overuse and the lack of new drugs in the pipeline threaten to undermine their effectiveness.

(www.nytimes.com. Adaptado.)

44

Segundo o texto, a Royal Pharmaceutical Society do Reino Unido afirma que

- a) o câncer e as doenças cardiovasculares também precisam de pesquisas para produzir antibióticos específicos.
- b) há um antibiótico experimental de dose única em testes clínicos desde 1987.
- c) o ciclo de tratamento com antibióticos deve ser revisto para que essas drogas sejam viáveis para a indústria farmacêutica.
- d) a indústria farmacêutica conseguiu lançar poucos antibióticos alternativos eficientes desde 1987.
- e) incentivos financeiros são necessários para o desenvolvimento de novas classes de antibióticos.

Resolução

Lê-se no texto: “The Royal Pharmaceutical Society ... classes of antibiotics are too low.”

Resposta: E

The Rise of Antibiotic Resistance

By The Editorial Board

May 10, 2014

The World Health Organization has surveyed the growth of antibiotic-resistant germs around the world – the first such survey it has ever conducted – and come up with disturbing findings. In a report issued late last month, the organization found that antimicrobial resistance in bacteria (the main focus of the report), fungi, viruses and parasites is an increasingly serious threat in every part of the world. “A problem so serious that it threatens the achievements of modern medicine,” the organization said. “A post-antibiotic era, in which common infections and minor injuries can kill, far from being an apocalyptic fantasy, is instead a very real possibility for the 21st century.”

The growth of antibiotic-resistant pathogens means that in ever more cases, standard treatments no longer work, infections are harder or impossible to control, the risk of spreading infections to others is increased, and illnesses and hospital stays are prolonged. All of these drive up the costs of illnesses and the risk of death. The survey sought to determine the scope of the problem by asking countries to submit their most recent surveillance data (114 did so). Unfortunately, the data was glaringly incomplete because few countries track and monitor antibiotic resistance comprehensively, and there is no standard methodology for doing so.

Still, it is clear that major resistance problems have already developed, both for antibiotics that are used routinely and for those deemed “last resort” treatments to cure people when all else has failed. Carbapenem antibiotics, a class of drugs used as a last resort to treat life-threatening infections caused by a common intestinal bacterium, have failed to work in more than half the people treated in some countries. The bacterium is a major cause of hospital-acquired infections such as pneumonia, bloodstream infections, and infections in newborns and intensive-care patients. Similarly, the failure of a last-resort treatment for gonorrhoea has been confirmed in 10 countries, including many with advanced health care systems, such as Australia, Canada, France, Sweden and Britain. And resistance to a class of antibiotics that is routinely used to treat urinary tract infections caused by *E. coli* is widespread; in some countries the drugs are now ineffective in more than half of the patients treated. This sobering report is intended to kick-start a global campaign to develop tools and standards to track drug resistance, measure its health and economic impact, and design solutions.

The most urgent need is to minimize the overuse of antibiotics in medicine and agriculture, which accelerates

the development of resistant strains. In the United States, the Food and Drug Administration (FDA) has issued voluntary guidelines calling on drug companies, animal producers and veterinarians to stop indiscriminately using antibiotics that are important for treating humans on livestock; the drug companies have said they will comply. But the agency, shortsightedly, has appealed a court order requiring it to ban the use of penicillin and two forms of tetracycline by animal producers to promote growth unless they provide proof that it will not promote drug-resistant microbes.

The pharmaceutical industry needs to be encouraged to develop new antibiotics to supplement those that are losing their effectiveness. The Royal Pharmaceutical Society, which represents pharmacists in Britain, called this month for stronger financial incentives. It said that no new class of antibiotics has been discovered since 1987, largely because the financial returns for finding new classes of antibiotics are too low. Unlike lucrative drugs to treat chronic diseases like cancer and cardiovascular ailments, antibiotics are typically taken for a short period of time, and any new drug is apt to be used sparingly and held in reserve to treat patients resistant to existing drugs. Antibiotics have transformed medicine and saved countless lives over the past seven decades. Now, rampant overuse and the lack of new drugs in the pipeline threaten to undermine their effectiveness.

(www.nytimes.com. Adaptado.)

45

Segundo o último parágrafo do texto,

- a) os antibióticos estão perdendo sua eficácia devido ao seu uso abusivo.
- b) daqui a 70 anos os atuais antibióticos estarão todos superados.
- c) há diversas pesquisas com novas classes de drogas sendo testadas em animais.
- d) muitas pessoas morrerão devido a infecções comuns sem tratamento.
- e) o primeiro antibiótico de largo espectro foi criado na década de 70.

Resolução

Lê-se no texto:

“Now, rampant overuse and the lack of new drugs in the pipeline threaten to undermine their effectiveness”.

* overuse = uso em excesso

* to undermine = enfraquecer

* effectiveness = eficácia

Resposta: **A**

Texto 1

O Senado aprovou nesta quarta-feira (16.04.2014) projeto que veda a doação de empresas ou pessoas jurídicas para campanhas eleitorais, que atualmente são os maiores doadores de políticos e partidos.

(Gabriela Guerreiro. “Senado acaba com doação de empresas em campanhas eleitorais”. www.folha.uol.com.br, 16.04.2014.

Adaptado.)

Texto 2

O sistema político brasileiro tem sido submetido a permanente interferência do poder econômico. Na democracia, deve prevalecer a igualdade. O voto de cada cidadão deve ter valor igual. O sistema político em que não há igualdade é aristocrático, não democrático. No passado, apenas a elite econômica podia participar da política, elegendo seus representantes. O chamado “voto censitário” excluía da vida pública amplos setores da sociedade. O processo de democratização levou à abolição do voto censitário, mas ainda não foi capaz de evitar que, por meio de mecanismos formais e informais de influência, a política seja capturada pelo poder econômico.

O financiamento privado de campanhas eleitorais é o principal instrumento formal para que isso ocorra. No sistema brasileiro atual, tanto empresas quanto pessoas físicas podem fazer doações. Evidentemente, os maiores doadores podem interferir de modo muito mais incisivo no processo de tomada das decisões públicas do que o cidadão comum. Grandes empresas podem fazer com que sua agenda de interesses prevaleça no parlamento. O parlamentar que obteve esse tipo de financiamento tende a se converter em um verdadeiro representante de seus interesses junto ao Legislativo e, muitas vezes, ao próprio Executivo. Isto é inevitável no atual sistema, que, com o financiamento privado de campanhas, legitima a conversão do poder econômico em poder político e, por essa via, em direito vigente, de observância obrigatória para todos.

As doações por pessoas jurídicas são totalmente incompatíveis com o princípio democrático. Os cidadãos, não as empresas, são titulares de direitos políticos. Apenas eles, por conseguinte, deveriam poder participar do processo político.

(Sérgio Fisher. “O financiamento democrático das campanhas eleitorais”. www.tre-rj.gov.br. Adaptado.)

Texto 3

As relações do poder econômico com a área política despertam um conflito de valores que tracionam em sentidos opostos. Se é certo afirmar que o poder

econômico pode interferir negativamente no sistema democrático, favorecendo a corrupção eleitoral e outras formas de abuso, também é certo que não se pode imaginar um sistema democrático de qualidade sem partidos políticos fortes e atuantes, especialmente em campanhas eleitorais, o que, evidentemente, pressupõe a disponibilidade de recursos financeiros expressivos. E, sob esse ângulo, os recursos financeiros contribuem positivamente para a existência do que se poderia chamar de democracia sustentável. Como lembra Daniel Zovatto, “embora a democracia não tenha preço, ela tem um custo de funcionamento que é preciso pagar”.

Eis aí, pois, o grande paradoxo: o dinheiro pode fazer muito mal à democracia, mas ele, na devida medida, é indispensável ao exercício e à manutenção de um regime democrático. É ilusão imaginar que, declarando a inconstitucionalidade da norma que autoriza doações por pessoas jurídicas, se caminhará para a eliminação da indevida interferência do poder econômico nos pleitos eleitorais.

(Teori Zavascki. “Voto-Vista (Supremo Tribunal Federal)”.
www.stf.jus.br. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

O FINANCIAMENTO DE CAMPANHAS
ELEITORAIS POR EMPRESAS DEVE SER
PROIBIDO?

Comentário à proposta de redação

O tema proposto, a ser desenvolvido numa dissertação, foi: **O financiamento de campanhas eleitorais por empresas deve ser proibido? Ofereceram-se, como base para a produção textual do candidato, três textos. O primeiro, do site UOL, informava sobre aprovação, por parte do Senado, de projeto que vedaria “a doação de empresas ou pessoas jurídicas para campanhas eleitorais”. Já o segundo texto, de Sérgio Fisher, posicionava-se contra o financiamento privado, alegando estar o sistema político brasileiro refém do poder econômico, algo incompatível com o princípio democrático, no qual “o voto de cada cidadão tem valor igual”. No último texto, um ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) defendia a norma que autoriza doações por pessoas jurídicas para campanhas eleitorais, a fim de assegurar a manutenção do sistema democrático, que não poderia prescindir de “partidos políticos fortes e atuantes”.**

Caso o candidato optasse por defender a proibição do financiamento privado, deveria destacar alguns dos fatores envolvidos nessa prática, os quais compromete-

teriam a transparência do processo eleitoral e, por conseguinte, desfigurariam a democracia. Caberia, entre outras possibilidades, observar que a interferência econômica na agenda política – tanto do Legislativo quanto do Executivo – seria proporcional ao valor das doações feitas por grandes empresas. Consequentemente, a classe política acabaria por tornar-se representante dos interesses de seus patrocinadores, esquecendo-se do compromisso assumido, durante as campanhas, com o eleitorado. A profusão de escândalos recentes, envolvendo empresas que teriam financiado alguns partidos políticos em troca de benefícios futuros, também poderia ser lembrada como efeito pernicioso da lei que permite as doações. Caso, porém, optasse por defender as doações de empresas, o candidato deveria reconhecer que, a despeito dos riscos de corrupção envolvidos nas relações entre o poder econômico e a área política, o dinheiro representaria um recurso indispensável à manutenção da “política sustentável”, ou seja, a democracia teria um “custo de funcionamento que é preciso pagar”, sobretudo para viabilizar a permanência dos partidos sólidos, que tradicionalmente vêm disputando a preferência dos eleitores.